

Fernando Marques Videira

Em primeiro lugar, eu queria agradecer à Comissão Organizadora o convite para participar nesta sessão de homenagem ao Prof. Leite Pinto, porque tinha por ele muita consideração e muita estima, e porque venho matar saudades de amigos de longa data e dos anos da minha juventude que passei nesta casa. Bem hajam, por isso.

Eu não tenho nada escrito para vos ler. Aliás, eu disse ao Doutor Jaime Oliveira que não tinha material facilmente acessível e que o meu tempo ainda era escasso para produzir um trabalho como o que os Doutores Jaime Oliveira e Machado Jorge fizeram, sobre a história dos Centros de Estudo de Energia Nuclear, da Junta de Energia Nuclear e do Instituto Tecnológico e Nuclear, e que são obras preciosas para ter e consultar.

Optei por vir aqui falar-vos, em estilo de conversa, dando-vos testemunho das minhas recordações, daquelas que perduraram, passados que foram cinquenta anos.

Abordarei recordações dos períodos em que o Prof. Leite Pinto foi vice-presidente da Junta de Energia Nuclear, em 1954/55, e em que foi Presidente do mesmo organismo, a seguir à construção do Laboratório de Física e Engenharia Nucleares, desde 1961 até 1967.

Eu conhecia o Prof. Leite Pinto, de nome, desde o tempo em que entrei para o Instituto Superior Técnico, era ele professor da cadeira de Caminhos de Ferro. Ele foi, meritoriamente, professor de muitas disciplinas.

Conheci-o, pessoalmente, logo que acabei o curso, se bem me lembro em 1951. Nessa altura, ele e o Prof. Herculano de Carvalho – figura notabilíssima, também – andavam a recrutar bolseiros para mandar para o estrangeiro. Esta é a minha primeira recordação que eu acho que é marcante.

O Prof. Leite Pinto, independentemente de todas as qualidades que já foram mencionadas na Sociedade de Geografia, possuía uma que era notável: ele tratava connosco ao nosso nível, ele falava connosco como se fossemos amigos, ele falava connosco com abertura, ele falava com alegria, com esperança... Ele convencia-nos com entusiasmo e com a sua inteligência viva, invocando as perspectivas da aplicação pacífica da energia nuclear e a importância da formação de cientistas e técnicos no estrangeiro. Ele conseguiu captar e orientar as nossas ambições. Ele e o Prof. Herculano.

Mas, para lá daquilo que a gente sabia naquela altura – para nós, ele era o professor de Caminhos de Ferro –, estávamos longe de conhecer o percurso do Prof. Leite Pinto, que já foi recordado várias vezes, aqui e na Sociedade de Geografia. Começou em Matemáticas e Engenharia Geográfica. Esteve quatro anos em Paris, onde passou por uma das “grandes escolas” francesas e se formou em Engenharia de Pontes e Calçadas. E os franceses têm as suas “grandes escolas” muito bem organizadas e não é qualquer um que nelas ingressa.

E não só era vasta a cultura científica; também a cultura geral não era monocromática. Era como se tivesse uma cultura em banda, num espectro de banda contínua. Falava de tudo. E, quando nós conversávamos com ele, não era raro que aproveitasse uma coisa qualquer para divergir para outra matéria. E fazia-o naturalmente, não por vaidade. Fazia-o, porque achava – julgo eu, que ele achava – que isso nos era vantajoso. E era!

Aliás, ele devorava livros. Eu lembro-me de ter ido a sua casa e de ver livros por tudo quanto era sítio. No escritório, tinha livros no chão, nas cadeiras... Devorava livros. De resto, não se era culto daquela maneira sem o fazer.

Falava muito sobre História. Lembro-me que uma vez – não sei se foi só a mim ou, também, a outros que estavam comigo – nos referiu, com entusiasmo, que ia fazer um circuito pelas catedrais espanholas e as suas histórias, e, em seguida, descreveu a preparação que estava a fazer para essa viagem.

Era um homem que tinha cultura que se estendia também a coisas mais mezinhas, como a



gastronomia e os vinhos. Foi com ele que eu aprendi a apreciar os vinhos. E aquilo que ele nos ensinava. O "curso" sobre os *vintages* e os *vintages* que ele nos mandava comprar para receber os estrangeiros. A maneira de pegar num copo de vinho branco pelo cálice. Porque era necessário preservar a baixa temperatura do vinho branco.

Recordo-me, também, de uma visita a Inglaterra que fiz com ele, quando já não estava na Junta de Energia Nuclear mas presidia à Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica. Nesse tempo, já se considerava que a água era um bem escasso. E, então, ele foi ver o que é que os ingleses faziam com a água. Inclusivamente viu, escandalizado, que, numa instalação de tratamento de água, obtinham água potável purificando água do Tamisa, que incluía tudo quanto era esgoto... Serviram-na ao Prof. Leite Pinto mas ele não a bebeu.

Nessa viagem, deslocámo-nos a Cambridge e fomos recebidos por gente grada num colégio onde nos ofereceram uma refeição. Veio aquela comida e o que é que nos servem para beber? O *squash*. Provavelmente, alguns de vocês se recordem que aquilo pretende ser relacionado com a laranja, mas da laranja só tem vagamente a cor. O resto é uma coisa horrível. Um xarope. O Prof. Leite Pinto foi obrigado a comer, enquanto bebericava o *squash* e, em bom português, dizia palavrões. E eu sem me poder rir no meio daqueles altos senhores ingleses.

Era assim o Senhor Prof. Leite Pinto.

Permitam-me que refira por fim outra recordação, que é a mais marcante para mim. Faz hoje quarenta anos que nasceu um dos meus filhos, razão porque me recordo que faz amanhã quarenta anos que eu recebi, de manhã cedo, aqui em Sacavém, um telefonema de uma grande cientista desta casa, que tinha sido internada num hospital em estado de choque. Era uma senhora que já tinha formação antes de vir para aqui, que enfrentava fortíssimos problemas, que tinha cometido uma primeira loucura e que queria que eu a fosse ajudar.

Estive com ela o dia inteiro. Contou-me várias coisas que eu não vou aqui repetir. Mas manifestou-me uma preocupação: queria ir para França, onde tinha estado a trabalhar. Precisava de sair imediatamente. Precisava de um passaporte e de um bilhete de avião.

Eu não fiz mais do que telefonar ao Prof. Leite Pinto. Vi, naquele dia, a maneira como ele se dedicou, prontamente, de modo a conseguir arranjar uma coisa e outra a tempo, o que não era fácil. E conseguiu marcar uma consulta com um eminente professor de psiquiatria, que tinha consultório na Avenida da Liberdade, no cruzamento com a Alexandre Herculano. E sempre me acompanhou pelo telefone, mantendo-se a par do que ia acontecendo.

Pois bem... tudo isto, além da preocupação fraterna de ajudar, tinha por detrás uma outra grande qualidade. O Prof. Leite Pinto respeitava as ideias dos outros. Podia não concordar, mas respeitava-as. E nunca cortou relações com ninguém.

E pronto! Aqui ficam algumas recordações pessoais do Prof. Leite Pinto.

Agora, deixem-me partilhar convosco algumas recordações do que se passou nos primeiros tempos da Junta de Energia Nuclear.

Do primeiro período, em 1954-1955, eu não posso dar grande testemunho porque estava no estrangeiro, como outros bolseiros provenientes do Instituto Superior Técnico. Importa frisar que, naquela altura, as portas estavam todas fechadas para a realização de estágios sobre temas relacionados com a energia nuclear, ainda que vivêssemos no tempo dos "Átomos para a Paz" de Eisenhower, da aplicação pacífica daquilo que tinha sido um horror. Apesar das enormes dificuldades, o Prof. Leite Pinto conseguiu arranjar alguns estágios no decurso de viagens que fez à Escandinávia.

Efectivamente, o primeiro lote de bolseiros – pelo menos aqueles que vieram do IST, o Carlos Pulido, a Amélia Rézio e o Ricardo Cabrita – foi para a Escandinávia. Eu, que fora atraído pela metalurgia nas aulas dum professor italiano, manifestei ao Prof. Herculano e ao Prof. Leite Pinto o desejo de alargar

conhecimentos nessa área e lá me conseguiram arranjar um primeiro estágio no National Physical Laboratory, em Inglaterra. Seguidamente, fui para a Universidade de Sheffield.

Quando vim cá, para me casar, antes de ir para Sheffield, estava o engenheiro José Frederico Ulrich – que era, na altura, o Presidente da Junta de Energia Nuclear – a organizar uma visita aos EUA. Era uma visita importante, porque ia dar origem a um acordo luso-americano sobre as aplicações pacíficas da energia nuclear.

Eu ia casar-me do dia 5 de Maio de 1955 – lembro-me bem porque são tudo cincos (5/5/55) – e telefona-me o Prof. Leite Pinto e diz-me:

– Você tem que ir acompanhar o engenheiro Ulrich. Venha cá falar comigo!

E eu fui. E disse ao meu interlocutor:

– Oh Professor, a visita aos EUA é agora e entretanto eu vou casar-me a 5 de Maio!

– Não se case! (*risos*) Não é não se case nessa data. É não se case! Você é muito novo. Não se case!

(Faço notar que eu aceitei o que me era pedido e mudei a data do casamento.)

Era outra característica do Prof. Leite Pinto. Como amigo, entrava dentro dos nossos problemas e, naturalmente, nós falávamos com ele sobre tudo.

O período de 1954-55 foi um período em que as directivas da construção do Laboratório de Sacavém foram gizadas, com a colaboração de comissões que foram formadas, envolvendo, nomeadamente, representantes de vários Ministérios e de Universidades. Foi a altura da programação.

A seguir, veio a construção. Quem foi responsável por isso foi o engenheiro Ulrich, que tinha sido Ministro das Obras Públicas e que também tinha sido o impulsionador da construção do Laboratório Nacional de Engenharia Civil.

As paredes foram sendo erguidas a tempo e horas, com grande esforço. Eu já cá estava nessa altura e o Armando Sampaio também. Encontrei-o, por acaso, em Estugarda, no Max Planck, e convenci-o a vir para cá com, digamos, as pregações que o Prof. Leite Pinto me tinha feito a mim.

Foi a altura do recrutamento de vagas sucessivas de pessoas, que foram enviadas para o estrangeiro.

Uma vez terminada a construção do Laboratório e feita a sua inauguração em 1961, o Prof. Leite Pinto – que cessara o desempenho das funções de ministro da Educação Nacional – toma posse do cargo de presidente da Junta de Energia Nuclear.

E desde essa altura o que é que foi feito? Tanta coisa!

Estavam as paredes e os principais equipamentos (o reactor e os dois aceleradores) já no lugar. Foi um trabalho ciclópico – como dizia o Presidente Marcelo Caetano nas suas “conversas de família” – formar mais gente, adquirir mais equipamento para o Laboratório, pô-lo a funcionar e lançar projectos (alguns mais ligados à aplicação e que deram resultados úteis e importantes).

Por ter sido responsável pelo Serviço de Investigação de Química e Metalurgia lembro-me melhor dos bons trabalhos que foram feitos no domínio da lixiviação dos minérios, da purificação dos licores, da lixiviação natural, da produção de um concentrado rico de urânio, nomeadamente, numa instalação móvel, utilizável nas pequenas minas. Alguns destes trabalhos foram inovadores, como ressaltava dos nossos contactos com o estrangeiro, nomeadamente com a Espanha e com a França.

Em suma, chegaríamos a 1967, com este Laboratório a funcionar em pleno. Era o reactor, eram os aceleradores, era a metalurgia (um domínio que não existia no nosso País, tratado ao nível da física dos metais), era a química aplicada, eram os radioisótopos com aplicações que nós podíamos apoiar, eram os trabalhos de física mais ligados à investigação básica, eram as infra-estruturas (nomeadamente, as oficinas). Era tudo isto.

Para o Prof. Leite Pinto, este Laboratório era a “menina dos seus olhos”. Para ele, mais do que um

instrumento para a via nuclear, era um instrumento para a formação de elites científicas e técnicas tão necessárias para esta terra, como aliás continuam a ser.

Bom, que mais posso eu dizer?!

Importa salientar que o Laboratório Nacional de Engenharia Civil era muitas vezes invocado como termo de comparação. Mas ele foi o que foi porque houve barragens que foram construídas. Foi através dessa actividade económica, industrial, que o LNEC se desenvolveu.

Foi pena que não se tivesse construído um reactor nuclear industrial, para que o Laboratório de Sacavém tivesse tido outra vida, além do destino que lhe estava fatalmente traçado. Com efeito, apesar de não haver reactores nucleares, não havia razão para que este potencial não fosse utilizado para outros fins.

Em muitos outros países, os Laboratórios dedicados, no início, à investigação relacionada com a energia nuclear não foram necessariamente desmembrados e distribuídos por outros sítios; pelo contrário, continuaram a prestar serviços e a funcionar fora da energia nuclear.

Só mais uma referência ao facto de não termos implantado em Portugal reactores nucleares para produção de energia eléctrica.

Em 1958, foi criada no nosso País a Companhia Portuguesa de Indústrias Nucleares (CPIN), impulsionada pelo doutor Armando Gibert. Esta companhia reunia cerca de umas trinta empresas (dez do sector de electricidade e as outras de várias indústrias) e até individualidades.

A CPIN formou pessoas, sobretudo engenheiros, porque era uma sociedade voltada para a aplicação prática da energia nuclear. Criou um corpo de profissionais que começou a estudar as potencialidades da aplicação industrial da nova forma de energia para produção de energia eléctrica. Examinou, também, outras actividades necessárias e possíveis para Portugal colaborar na construção da central e no ciclo do combustível nuclear onde já se tinha o *know-how* da prospecção e exploração mineira (que cobriu o País inteiro e onde foram gastas somas importantíssimas), assim como da produção de concentrados de urânio e de urânio metálico.

Nesta área, o Prof. Leite Pinto enfrentou grandes dificuldades mas conseguiu os dinheiros necessários para fazer a prospecção como devia ser. E não só a prospecção sumária, mas também as sondagens e a abertura de galerias. Foram descobertas reservas significativas para um possível programa nuclear português.

De realçar também o acordo estabelecido entre a Junta de Energia Nuclear e o "Commissariat à l'Énergie Atomique" francês, mercê do esforço e perseverança do Prof. Leite Pinto, que tornou possível a aquisição de importantes equipamentos para o Laboratório de Sacavém e para os Serviços Mineiros da Junta, em troca do fornecimento de concentrado de urânio e de urânio metálico produzidos em Portugal pela Junta.

Mas a CPIN acabou, em 1964, no auge do desenvolvimento da hidroeléctricidade em Portugal, lançada pelo Prof. Ferreira Dias. O que, de certa maneira, desanimou a CPIN foi a decisão da Empresa Termoeléctrica Portuguesa de construir a central térmica clássica do Carregado (pois a CPIN estava convencida de que a central seguinte, para associar com as hídricas, seria uma central nuclear).

Mas foi sobretudo na Companhia Portuguesa de Electricidade (CPE) que foram realizados os trabalhos mais profundos e mais dispendiosos relacionados com a construção de centrais nucleares em Portugal. Chegou-se a estudar um sítio, em Ferrel (perto de Peniche). Em 1976 eu acompanhei o Engenheiro Rocha Cabral (um dos elementos que transitou da CPIN para a CPE e depois para a EDP, e que, então, era Secretário de Estado da Energia e Minas) em contactos com construtores europeus para avaliar da possibilidade de instalar uma central de 600 MWe.

É de notar que a integração de uma central nuclear numa rede eléctrica como a portuguesa, que tinha uma dimensão reduzida e que não estava fortemente ligada à Europa, colocava alguns problemas. Para ser competitiva, em termos económicos, a central deveria ter uma potência relativamente elevada e os 600 MWe corresponderiam, à data de entrada em funcionamento da central de Ferrel, a cerca de dez por cento da

potência total instalada (cerca de 6000 MWe).

Mas, a seguir, veio o desinteresse. O País estava em convulsão. Havia falhas nos terrenos em Ferrel que causavam preocupações. Mas, construíam-se centrais no Japão em sítios com falhas mais importantes. E houve o aproveitamento político de tudo isto. Veio o acidente de *Three Mile Island*, em 1979. Vieram as pressões dos ambientalistas, dos fabricantes de outros tipos de centrais e dos fornecedores de combustível.

Surgiu, ainda, um novo tipo de central térmica clássica – a central de ciclo combinado –, que foi um avanço muito grande, com um rendimento muitíssimo superior ao das outras centrais clássicas e descarregando, para o ambiente, uma quantidade de dióxido de carbono por quilowatt-hora muito menor.

Em suma, veio o desânimo e tudo foi desmobilizado.

Desde então, vivemos abominando a energia nuclear. Em toda a parte não se fala em energia nuclear. Quando há reuniões, quer dos homens da electricidade quer dos homens do planeamento, nem uma palavra sobre a energia nuclear. Nada, nem a hipótese!

Há, porém, novos problemas. Em particular, há o efeito de estufa que se começa a sentir, e de que maneira. Há até países que dizem que o protocolo de Kyoto não é para eles e continuam a poluir a atmosfera.

Entretanto, são observáveis modificações do clima... Não sei se notaram que, praticamente, desapareceu o anti-ciclone dos Açores que já não contribui para a regularização do nosso clima.

Haverá algum *volte-face*? Eu estou convencido de que sim.

Temos alguns indicadores. A Comissária da UE para a energia – que é uma mulher valente – já começou a dizer que, por causa desta poluição da atmosfera, está a chegar novamente a hora da energia nuclear. Disse-o em público e para que todos ouvissem. E mais, li há pouco tempo nos jornais, que a Finlândia – um país que não costuma fazer asneiras e que, apesar de pequeno, é bastante desenvolvido – decidiu juntar mais uma central nuclear às que já possui.

A melhor homenagem que se pode prestar ao Prof. Leite Pinto é entusiasmar os jovens que estão no Instituto Tecnológico e Nuclear a lutar para que a produção de energia nuclear seja possível neste país.

Portanto, meus amigos, desejo que sigam com a vossa actividade e que contribuam para a elucidação das pessoas sobre as vantagens e os inconvenientes da energia nuclear. O carimbo de Nagasaki e Hiroshima continua em primeiro plano e a vertente pacífica do uso de energia nuclear está muito mal explicada a toda a gente. Acresce que alguns políticos aproveitam tudo para a arremessar uns contra os outros. E distorcem tudo.

Estou convencido de que, se aqui estivesse, seria esse o desejo que o Prof. Leite Pinto vos dirigiria.

Bem hajam pela vossa atenção.